



Náufrago relata noite de agonia com ciclone

NOVE PESCADORES AINDA ESTÃO DESAPARECIDOS

Grupos de buscas resgataram, ontem, dois tripulantes do Valio 2, desaparecido na madrugada de domingo, durante o ciclone. Um dos pescadores estava morto preso aos destroços. Dois homens do Valio 2 estão sumidos. Os sete tripulantes do pesqueiro Antonio Venancio também estão desaparecidos.

Luciano da Silva (foto), de 23 anos, foi

retirado do mar, a 25 quilômetros da costa, no domingo, depois de nadar por mais de nove horas. A luta pela vida deixou marcas pelo corpo do pescador. Ele conta que o barco foi a pique antes da meia-noite sob ondas de seis metros e atacado por ventos de 150 quilômetros por hora. "Só conseguia ouvir meus companheiros berrando. Uma onda espalhou todos."



DANIEL CNZI/DC/LAGUNA

Estado libera R\$ 1,3 milhão

CLAUDIO SILVA/DC/PASSO DE TORRES



RECONSTRUÇÃO: Moradores de Passo de Torres, como Ivo Silva, trabalham para recuperar casas e galpões destruídos domingo

Perdas na safra de arroz devem ultrapassar 30%, calculam técnicos da Epagri

Moradores de São João do Sul garantem que choveu água salgada no domingo

Instituto Nacional de Meteorologia reconhece erro na previsão do tempo

COBERTURA COMPLETA NAS PÁGINAS QUATRO A 9

DESABAFO

Lula diz estar otimista e nega crise no governo

Durante uma visita aos metalúrgicos na General Motors, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva negou a existência de uma crise no governo federal, mas disse que "a economia brasileira é altamente vulnerável". E a última pesquisa realizada pela Confederação Nacional dos Transportes confirma a queda na popularidade do presidente.



PÁGINAS 24, 25 E 29

TRÂNSITO

Avenidas da Capital terão mais 94 radares

PÁGINA 40

BALNEÁRIO CAMBORIÚ

Justiça reabre bingo no Litoral

A juíza Sônia Mazzetto, da Comarca de Balneário Camboriú, autorizou ontem a reabertura de um bingo na cidade. Os advogados da empresa requereram na Justiça o funcionamento da casa com base na Lei 11.348.

PÁGINA 24

CONCURSO PÚBLICO

Besc divulga amanhã lista dos aprovados

PÁGINA 27

CARRO-FORTE

Prisão de PMs provoca crise entre as polícias

PÁGINA 45

“Só ouvia o pessoal berrando”

Pescador Luciano da Silva conta como foram os momentos dramáticos em alto-mar, quando o barco no qual ele e seus companheiros estavam naufragou devido à passagem do ciclone pela costa de SC

JEFERSON BERTOLINI

▼ LAGUNA

Com os braços arranhados por corais e com o pescoço ferido pelo colete salva-vidas, o pescador Luciano da Silva passou o dia, ontem, na Capitania dos Portos de Laguna, no Sul do Estado, auxiliando as equipes que buscavam nove tripulantes de dois barcos catarinenses que naufragaram no fim de semana devido ao ciclone.

Aos 23 anos, Silva era um dos seis tripulantes do Valio 2, que saiu de Itajaí dia 9 para capturar corvina no Litoral Sul de Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. Ele naufragou às 23h30min de sábado, quando os ventos no Atlântico chegaram a 150 quilômetros por hora e as ondas atingiram seis metros de altura.

Pescador há oito anos, Silva ficou no mar até as 8h de domingo, quando foi resgatado pelo barco Rocha 4°. “Conseguí ficar na quilha antes do barco afundar de vez. De lá só conseguia ouvir meus companheiros berrando. Logo veio uma onda e espalhou todo mundo”, relatou ao DC.

Diário Catarinense - Vocês sabiam que havia um ciclone se aproximando?

Luciano da Silva - A gente sabia. Ficamos sabendo pela rádio e pela televisão que a gente tinha a bordo. O Silvio (Silvio Henrique, 25, desaparecido até ontem à noite) era o mais apavorado. Ele achava que a gente não conseguiria chegar à costa antes do ciclone.

DC - Assim que ficaram sabendo do ciclone, vocês não pensaram em voltar ou procurar um lugar para se proteger?

Silva - A gente acreditava que conseguiria chegar em Itajaí antes de o vento chegar. No fim de semana, quando a televisão começou a noticiar mais, a gente estava em Torres. A idéia era pelo menos chegar a Santa Catarina, num lugar que pudesse atracar.

DC - E quando o vento começou, o que vocês tentaram fazer?

Silva - A gente já estava em Santa Catarina. A gente queria tentar chegar no Farol de Santa Marta (Laguna) ou a Imbituba porque eram os únicos lugares que poderíamos atracar sem bater o casco. Nessa hora eu e os companheiros só pensávamos em achar um abrigo.

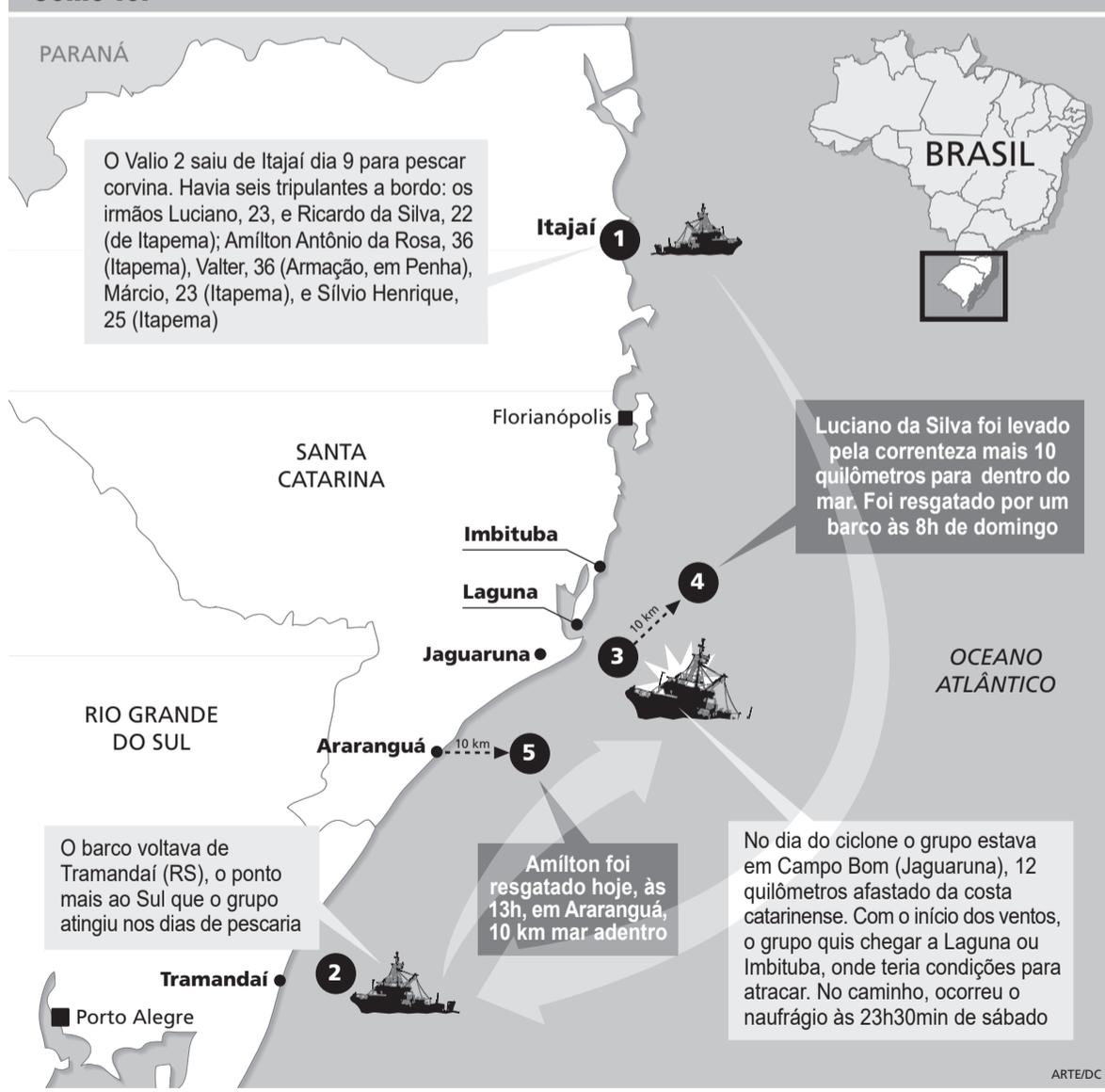
DC - E quando o vento apertou, o que vocês estavam fazendo?

Silva - A gente estava ouvindo o rádio e a televisão, direto. Eu até pedi para eles desligarem a te-



SUFOCO: Luciano mostra os braços arranhados por corais e o pescoço ferido pelo colete salva-vidas

Como foi



levisão porque não ia adiantar nada, só ia deixar todo mundo apavorado. O Silvío tava apavorado. Eu disse para a gente fechar as janelas e continuar navegando porque não se podia fazer nada.

Ai vieram as ondas e emborcaram o barco. A força era tanta que o barco quase afundou de primeira.

DC - O que vocês fizeram?

Silva - Tinha muita água, mas

a gente tentou continuar. Não podia parar ali, naquela hora. Ai navegamos mais uns 10 ou 15 minutos e o barco emborcou de novo, depois pendeu para o lado. Ai vi que não tinha jeito. Fui até a

cabine e peguei um colete. A turma começou a cair na água antes de o barco virar de vez. Alguns caíram sem coletes, porque foi tudo muito rápido.

DC - No momento que o barco virou, vocês conseguiram se comunicar?

Silva - O barco virou lá pelas 23h30min e ficou de cabeça para baixo. Conseguí subir na quilha. De lá só conseguia ouvir meus companheiros berrando. Um berrava com o outro. Eu gritei com o meu irmão (Ricardo da Silva, 22, resgatado ontem de manhã). O meu irmão gritava comigo. Eu era o único na quilha. Todo mundo tava berrando, até que veio uma onda e espalhou todo mundo.

DC - O barco estava longe da costa quando naufragou?

Silva - Acho que a gente estava a uns 10 quilômetros da praia. Mas o mar estava jogando a gente cada vez mais para dentro.

DC - Como era o esquema de segurança do barco?

Silva - Estava tudo direitinho no barco. Tinha bóia, colete e escuna. O certo era a gente ter pego um foguete cada um e colocado no calção ou numa bolsa antes de cair na água, mas não deu tempo.

DC - Como você conseguiu se salvar?

Silva - Fiquei flutuando com o colete. Logo depois que caí na água vi duas luzes. Era um barco. Achei que fosse um resgate, alguém tentando salvar a gente, mas não era. O barco passou e não parou, não me viram. Ai a marola ia me carregando para dentro. Eu não fazia força nenhuma, só deixava o corpo ir. Daí avistei umas luzes e achei que era um barco ancorado. Nadei da 1h às 8h até chegar nele.

DC - No momento que você chegou nesse barco, tentou pedir para buscar os seus amigos?

Silva - Eu até queria, mas não tinha como. Eles também tinham quebrado por causa do vento. Estavam sem rádio, sem nada. Mas eles me levaram até a praia, aí eu consegui avisar os outros barcos sobre o acidente.

DC - E o barco Antônio Venâncio. Vocês tiveram algum contato?

Silva - A gente vinha se comunicando pelo rádio, desde antes do ciclone. Acho que eles afundaram depois da gente, porque quando a gente afundou estava ouvindo eles. De manhã, quando estava no barco que me resgatou, vi o casco dele passando pela gente.

DANIEL CONZI/DC/LAGUNA



COMUNICADO: Capitão-de-fragata, Azevedo, informa aos familiares a situação das buscas aos naufragos

Dois pescadores resgatados no Sul

Um corpo foi encontrado ontem e sete tripulantes do barco Antônio Venâncio, de Itajaí, continuavam desaparecidos

Dois tripulantes do barco Valio 2, de Passo de Torres, que naufragou no Litoral Sul de Santa Catarina por causa do ciclone, foram resgatados com vida a quase 15 quilômetros da costa catarinense ontem. Um foi encontrado morto.

Os sete tripulantes do barco Antônio Venâncio, de Itajaí, que naufragaram num ponto próximo e pelos mesmos motivos, continuavam desaparecidos até ontem à noite.

Foram resgatados os pescadores Hamilton Antônio Rosa, 36 anos, e Ricardo da Silva, 22, ambos de Itapema, no Litoral Norte. Márcio Correia da Silva foi localizado morto.

"Ele estava preso aos destroços do barco", informou em nota o capitão-de-fragata Paulo Renato Carvalho de Azevedo.

No domingo, já havia sido resgatado o pescador Luciano da Silva, 23, irmão mais velho de Ricardo.

Ele nadou da 1h às 8h até ser resgatado pelo barco Rocha 4º, a quase 25 quilômetros do Litoral Catarinense, à altura de Laguna.

Parentes dos desaparecidos fizeram plantão ontem em frente à Capitania dos Portos de Laguna, ao Sul do Estado, que centraliza as buscas.

"Tenho esperança que achem o meu filho com vida", disse Silvío José da Silva, pai do tripulante desaparecido Silvío Henrique, 25, antes de baixar a cabeça e chorar.

Dos parentes, os únicos que ontem puderam voltar para casa aliviados foram os primos do pescador Luciano (porque o irmão dele, Ricardo da Silva, foi resgatado de manhã) e a dona de casa Sônia Rosa, esposa de Hamilton Antônio, pescador há 20 anos.

"Eu estava na agonia desde domingo de madrugada, quando um vizinho meu me acordou dizendo que o barco deles tinha virado em alto mar", disse ao Diário Catarinense.

"Nós temos três filhos pequenos. A gente estava há três semanas sem ver ele."

Pescadores ajudam na busca por sobreviventes

Sônia recebeu a boa notícia às 15h, quando o comandante da Capitania, Ronaldo Schara Júnior, reuniu os parentes para dar uma balanço das buscas.

"O pescador Hamilton foi resgatado com vida. Um tripulante, que ainda não temos o nome (o nome de Ricardo foi relevado de noite), foi encontrado morto. Dois ainda estão desaparecidos. As buscas vão continuar; quero que ninguém perca as esperanças."

O helicóptero da Marinha e a aeronave P-95 da Força Aérea Brasileira interromperam as buscas ontem assim que o noite chegou (as buscas são visuais).

Mas barcos pesqueiros comunicaram por rádio que continuariam na região durante a noite a procura de sobreviventes. (JB)

Dados da Defesa Civil

13.620

desalojados

2.110

desabrigados

76

feridos

Duas

pessoas morreram

Nove

pessoas estão desaparecidas em naufrágios

32.303

danificadas, a grande maioria por destelhamento

290

residências destruídas

800

estabelecimentos comerciais danificados

90

estabelecimentos destruídos

120

estabelecimentos públicos danificados

As duas equipes

Pesqueiro Valio 2



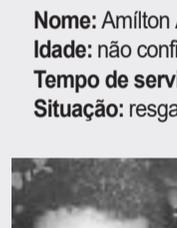
Nome: Ricardo da Silva
Idade: 22 anos
Tempo de serviço: seis anos
Situação: resgatado



Nome: Luciano da Silva
Idade: 23 anos
Tempo de serviço: seis anos
Situação: resgatado



Nome: Silvío Henrique da Silva
Idade: 25 anos
Tempo de serviço: 12 anos
Situação: desaparecido



Nome: Amílton Antônio da Rosa
Idade: não confirmada
Tempo de serviço: não confirmado
Situação: resgatado



Nome: Márcio Correia da Silva
Idade: 23 anos
Tempo de serviço: 10 anos
Situação: morto

Nome: Valter Pinheiro
Idade: não confirmada
Tempo de serviço: não confirmado
Situação: desaparecido

Pesqueiro Antônio Venâncio



Nome: Valdemiro Senna
Idade: 27 anos
Tempo de serviço: 14 anos
Situação: desaparecido



Nome: Emerson Saturnino
Idade: 23 anos
Tempo de serviço: não confirmado
Situação: desaparecido

Nome: Alexandre da Silva
Idade: 23 anos
Tempo de serviço: não confirmado
Situação: desaparecido

Nome: Edevaldo Schweder
Idade: 23 anos
Tempo de serviço: seis anos
Situação: desaparecido

Nome: Cássio Luiz Henrique
Idade: 20 anos
Tempo de serviço: não confirmado
Situação: desaparecido

Nome: Adílio Arildo da Silva
Idade: 21 anos
Tempo de serviço: não confirmado
Situação: desaparecido

Nome: Jean
Idade: 18 anos
Tempo de serviço: não confirmado
Situação: desaparecido

Fonte: familiares

A imagem no radar do avião

O co-piloto da companhia aérea Varig Luís Felipe Zamo, 32 anos, voava de Porto Alegre para o Rio de Janeiro, com destino final Fortaleza, na noite de sábado, quando o Boeing 737 passou próximo ao ciclone, entre Torres (RS) e Criciúma.

Sabendo que o horário do vôo coincidiria com a passagem do ciclone extratropical, Zamo se preparou para visualizar a formação no computador de bordo da aeronave. Com uma câmera digital, fotografou a tela do radar que mostra o percurso do Boeing quando passava a cerca de 30 quilômetros do ciclone.

Na foto, tirada à 0h40min de domingo, é possível constatar que o olho do ciclone, tinha 60 quilômetros de diâmetro. Para sair do percurso da formação, a aeronave se deslocou para a esquerda e seguiu viagem. "Estamos acostumados a ver formações com vento muito mais forte. O que chamou a atenção desta vez foi o formato redondo. Nunca tinha visto antes", diz o co-piloto. **SEGUE →**



REGISTRO: Zamo fotografou

Cobertura

Galeria de fotos

Conteúdo de áudio e vídeo produzido pelos veículos da RBS

Infográficos animados com informações sobre o fenômeno **As consequências da passagem do ciclone e os números, cidade por cidade**

Um fórum em que leitores de cidades atingidas podem relatar o que viram e sentiram durante a passagem dos ventos

www.dc.clicrbs.com.br

Habitantes definem horas de pavor

Ontem, em São João do Sul, um dos municípios mais castigados pelo fenômeno, os moradores ainda enfrentavam falta de luz e de água e esperavam pelo restabelecimento das linhas telefônicas

ÂNGELA BASTOS

▼ SÃO JOÃO DO SUL

A expressão de pânico permanece no rosto das pessoas que tiveram suas casas atingidas pelo ciclone. Cada um define como pode as horas de pavor em que o vento chegou a 150 quilômetros por hora. "A chuva era salgada. Acho que era água do mar", diz o aposentado Ibraim Martins de Souza, 77 anos. Para a comerciante Maria Gorete Cardoso Santos, 42 anos, "o mundo parecia uma panela estourando pipocas".

O vendedor autônomo Arilton Bittencourt de Souza, 42 anos, lembra que não havia apenas os danos materiais. "Vivemos uma noite de horror. As crianças jamais vão esquecer", diz. Todos moram em São João do Sul, um dos locais mais castigados pelo fenômeno. Souza e a mulher lembram que fizeram uma espécie de

pacto: eles poderiam morrer; os três filhos pequenos, não. As crianças foram colocadas embaixo da mesa da sala. Se o teto desabasse estariam seguros.

Pelos cálculos do prefeito Antônio Oliveira Cardoso (PMDB), toda a área do município foi atingida. Ontem, os cerca de 7 mil habitantes ainda enfrentavam falta de luz e de água e esperavam pelo restabelecimento das linhas telefônicas. Na igreja e salão paroquial da Vila Conceição, os estragos foram grandes. Todo o telhado veio abaixo.

No momento, cerca de 30 jovens estavam no local em uma festa de 15 anos. Os mais assustados se protegeram dentro dos armários da cozinha comunitária. Ninguém ficou ferido.

Ontem foi dia de cadastrar as famílias desabrigadas e que sofreram prejuízos. O trabalho deve continuar hoje. A Polícia Militar está ajudando nessa tarefa.



CLAUDIO SILVA/DC/SÃO JOÃO DO SUL

ESTRAGO: No salão paroquial da Vila Conceição, o telhado veio abaixo durante uma festa de aniversário

ENTREVISTA André Luiz de Mello Braga

"A solidariedade é algo surpreendente"

O ruído estridente do radiocomunicador do 5º Distrito Naval, em Rio Grande, não consegue abafar a preocupação da voz de André Luiz de Mello Braga. Comandante do navio-patrolha Benevente, ele espera ver repetida a história dos salvamentos ocorridos em setembro passado, quando o navio recolheu os 12 sobreviventes do barco Pescachile II, que naufragou entre SC e o RS.

Ontem, antes de ter a bordo o primeiro corpo localizado no mar após o naufrágio dos barcos Valio 2 e Antônio Venâncio, e depois de ter resgatado dois pescadores vivos, Braga concedeu, de alto-mar, por rádio, a seguinte entrevista à Agência RBS:

Diário Catarinense - Qual é o clima no navio?

André Luiz de Mello Braga - A tripulação está altamente motivada para as buscas. Ainda mais agora, que encontramos sobreviventes. Estamos trabalhando sem parar.

DC - Qual a situação dos pescadores resgatados?

Braga - Embora o Amilton (Amilton Antônio da Rosa) continue em estado de choque, nenhum dos dois corre risco de morte. O Ricardo (Ricardo da Silva nem acredita que sobrevi-

veu. Eles estão descansando, passando por atendimento médico e se alimentando.

DC - O que ele contou?

Braga - Ele e quatro colegas conseguiram colocar os coletes salva-vidas antes do barco afundar. Um deles se atrapalhou e é provável que tenha caído na água sem o colete. Na embarcação, eles tinham um bote, mas não balsa salva-vidas. Não houve tempo para eles. Era um pequeno peixe, e eles tentavam voltar, fugindo do ciclone, quando foram atingidos.

DC - Como é o tempo agora na área de buscas?

Braga - Já temos visibilidade por 18 quilômetros. O mau tempo se dissipa aos poucos.

DC - Foram encontrados muitos destroços na área?

Braga - O mar está coberto de destroços. Precisamos navegar com cautela, principalmente para não passarmos por nenhuma pessoa sem vermos.

DC - Quantos pescadores atuam com vocês?

Braga - Estamos trabalhando juntos. Agora, são 10 barcos de pesca. A solidariedade é algo surpreendente.

Familiares comemoram e choram

RICARDO RUAS

▼ AGÊNCIA RBS/DC/ITAPEMA

A família Silva comemorou e chorou as notícias que recebeu ontem. Moradores do Bairro Tabuleiro, quatro casas eram sustentadas pela tripulação do Valio 2, um dos barcos que veio a pique com a passagem do ciclone pelo Litoral Sul catarinense.

A comemoração veio de manhã, com a confirmação do resgate dos irmãos Ricardo e Luciano da Silva. Luciano chegou a rever a família, mas voltou para ajudar

a localizar os destroços e dos pescadores desaparecidos. A comoção e as lágrimas surgiram quando foi anunciada a morte de Márcio Correia da Silva. O corpo foi resgatado no local do acidente.

Para a família, Luciano contou os momentos de tensão. Ricardo, irmão de Luciano, havia mantido contato com os familiares às 20h de sábado.

"Ele disse que já estava vendendo e que tentaria chegar no Porto de Imbituba até 6h de domingo", relembra a sogra do pescador, Leonilda da Silva. "Luciano nos disse que às 23h30min a em-

barcação naufragou."

Ricardo foi resgatado por outro barco pesqueiro. Assim como Amilton Antônio Rosa. Ambos foram trazidos para terra firme pelo navio-patrolha Benevente. "Amilton estava em estado de choque, já Ricardo estava em melhores condições", informou o Comando do 5º Distrito Naval.

A alegria da família só não foi completa por dois motivos: Sílvio Henrique da Silva Júnior, 25 anos, estava desaparecido até ontem à noite, e o corpo de Márcio Correia da Silva, 23 anos, foi localizado e reconhecido.

Instituto admite erro na previsão

ANA LUCIA KIST

▼ AGÊNCIA RBS/BRASÍLIA

O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) admitiu que errou na previsão do ciclone que atingiu o Litoral de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul.

A velocidade dos ventos calculada pelos técnicos era de no máximo 90 quilômetros por hora, mas, na madrugada de domingo, os dois estados foram atingidos pelo ciclone.

"A intensidade do vento foi subestimada em relação ao que ocorreu ao atingir o continente, e isso foi uma falha da previsão", reconheceu o diretor do Inmet, Antônio Divino de Moura.

O Inmet atribuiu os erros nos cálculos à falta de equipamentos adequados para fazer a previsão meteorológica. Segundo Moura, o Instituto não possui bóias flutuantes na costa dos dois estados, e se baseia nas informações captadas por satélites internacionais. Os meteorologistas acreditam que o aumento na velocidade dos ventos pode ter sido causado pelo choque do ciclone com a Serra do Mar (formação rochosa situada nos litorais catarinense e gaúcho), provocando a canalização da tempestade.

O primeiro sinal de alerta apareceu nos computadores do Inmet às 8h45min de terça-feira. As imagens transmitidas por satélites indicavam o desprendi-

mento de parte da frente fria localizada sobre o Oceano Atlântico. Os meteorologistas esperavam que a massa se deslocasse em direção à África, no entanto, os ventos avançaram na direção do continente. Na sexta-feira houve a confirmação de que se tratava de um ciclone extratropical, que atingiria SC e RS.

Em uma nota, divulgada ontem pelo Inmet e pelo Instituto Nacional de Pesquisa Espacial (Inpe), os dois institutos admitem que o aviso encaminhado sexta para a Defesa Civil apontava para o enfraquecimento do ciclone. No entanto, no sábado à tarde, foi feito um segundo alerta, informando que o fenômeno seria forte, semelhante a um furacão.

Hora de iniciar a reconstrução

Comunidade de Passo de Torres tenta recuperar as casas e telhados que o ciclone colocou à baixo

ÂNGELA BASTOS

▼ PASSO DE TORRES

O som e a cena se repetem em toda a cidade. O toque de martelos não cessa. No alto dos telhados os moradores tentam pôr no lugar aquilo que o vento carregou. Muitos fios e postes ainda permanecem no chão. Telefones públicos também. Falta luz, água, comunicação.

“Não sabemos por onde começar. Estamos vivendo um caos, uma situação aterradorizante”, resume o prefeito Áureo Henrique (PMDB), de Passo de Torres, na divisa de Santa Catarina com o Rio Grande do Sul.

A estimativa da Defesa Civil do município é que 90% das moradias tenham sido atingidas. Está sendo preparado relatório para envio ao governo do Estado. A maior

ria das residências perdeu o telhado. Algumas literalmente estão viradas de “pernas pro ar”. Os desabrigados estão recolhidos na casa de amigos e parentes.

A situação também é crítica na área rural, onde os acessos estão interrompidos pela queda de árvores. A Secretaria Municipal de Obras colocou o maquinário à disposição. O problema é que a população está isolada e não pode estabelecer contato.

Conseguir telhas é um dos maiores desafios, diz o prefeito. A prefeitura comprou 2 mil, mas ainda faltam 8 mil. Com 6 mil moradores e uma economia baseada na agricultura, Passo de Torres enfrenta a situação mais grave de sua história que oficialmente começou em 1991. Lavouras de milho, feijão, mandioca e fumo estão perdidas. A chuva molhou o fumo que estava nas estufas e nem todos os produtores conseguirão recuperar o produto.

A situação após a tragédia

■ À deriva

A Força Aérea Brasileira retomou ontem de manhã as buscas. Barcos pesqueiros também fizeram buscas. Tripulantes do barco universal, um dos quatro que estavam no local do naufrágio, foi rebocado ao porto de Imbituba.

■ União

O governo do Estado vai pedir ajuda aos Ministérios da Integração Nacional e das Cidades para recuperar os estragos do ciclone e para atender as 120 cidades em situação de emergência por causa da seca.

■ Ajuda via Besc

O Besc abriu ontem uma conta corrente para arrecadar doações em dinheiro para as famílias do Sul do Estado atingidas pelo ciclone. O número da conta é 802.500-5, agência 068-0. As doações podem ser de qualquer valor.

■ Solidariedade

A Legião da Boa Vontade (LBV) está fazendo uma campanha para arrecadar alimentos não-perecíveis, roupas e calçados para os atingidos pelo ciclone. Em Florianópolis, a LBV fica na Eurico Gaspar Dutra, 226, no Estreito. Informações: (48) 244-8500 e 3028-7800.

■ Telhas e madeira

Prefeituras de 40 cidades do Sul do Estado iniciaram campanha para arrecadar donativos para famílias atingidas, principalmente telhas e madeira, porque 32 mil casas dessas cidades foram afetadas. Em outras regiões de SC também existem campanhas. A Associação dos Comercios de Materiais de Construção de Criciúma (Acomac) lançou uma campanha de doação para auxiliar os moradores atingidos.

■ Energia elétrica

Cinco municípios do Sul do Estado (São João do Sul, Santa Rosa do Sul, Praia Grande, Balneário Gaivota e Passos de Torres) ainda estavam sem energia elétrica ontem. Em Balneário Arroio do Silva, o atendimento estava sendo normalizado.

■ Escolas

A Secretaria de Estado da Educação e Inovação avalia que 80% das 82 escolas da rede pública estadual da Regional de Araranguá foram atingidas pelo ciclone Catarina. Cerca de 30 mil alunos estão sem aulas e o número pode chegar a 40 mil, somando-se as redes municipal e particular de ensino. Ginásios e quadras cobertas também foram destruídos.

■ Laguna

A prefeitura e a Fundação Irmã Vera lançaram ontem um apelo à população local para que façam doações de roupas, cobertores, colchões e gêneros alimentícios não-perecíveis. A recepção destes donativos é no prédio do Cine Teatro Mussi, no centro da cidade.

■ Voluntariado

A Casa da Solidariedade de Criciúma trabalha com 30 voluntárias na seleção e distribuição das doações feitas no município. As doações já estão sendo distribuídas pela Secretaria de Desenvolvimento Social da prefeitura. A secretária Rogilda Custódio Francisco comentou que a entidade precisa mais de roupas de cama e colchões.

■ Sombrio

O município decretou estado de calamidade pública e pede a doação de roupas e alimentos não-perecíveis. Cerca de 4,5 mil residências e 200 estabelecimentos comerciais foram danificados, segundo dados da Defesa Civil. O Hospital Dom Joaquim teve parte de sua cobertura destruída e o atendimento teve de ser suspenso. Ontem à tarde, o prefeito José Scheffer reuniu os representantes de bairro para fazer um levantamento dos prejuízos.

■ Joinville

A área central de Joinville e alguns bairros da região Sul da cidade ficaram alagados na madrugada de ontem, em função da forte chuva que caiu no município no final de domingo. Segundo a Defesa Civil, a chuva está relacionada com o ciclone. **SEGUIE →**



CLAUDIO SILVA/DC/PASSO DE TORRES

Insistência da mulher salva a família

Salvos pela teimosia da mulher. Assim o metalúrgico aposentado Sergio Luiz Cadini, morador no loteamento Silveira, em Passo de Torres, avalia o fato da família não ter morrido com o desabamento do teto da casa.

A mulher insistiu para que eles deixassem a casa. Cadini não acreditava que o vento se-

ria tão forte e resistiu o máximo que pôde, mas considerou que pelo menos pela neta de cinco anos deveriam sair e ir para a casa de amigos. Ao retonar, na manhã de domingo, viu o teto no chão e casa revirada. A casinha de boneca da neta foi parar cinco metros adiante.

SANTA CATARINA HOJE

Santa Catarina

Investimentos essenciais em turismo

MAIS UMA OBRA

Todos os anos, milhares de turistas chegam em Santa Catarina. E para recebê-los ainda melhor, o Governo está instalando os Portais do Lazer nos principais destinos turísticos. São locais montados especialmente para atender as necessidades dos visitantes. Eles reúnem informações completas sobre serviços, hospedagem, clima, atrações turísticas, além de possuir área de lazer e de descanso. Até o final do ano, serão 35 Portais em todo o Estado.

SECRETARIA DE ESTADO DA ORGANIZAÇÃO DO LAZER

GOVERNO DO ESTADO
SANTA CATARINA
www.sc.gov.br

Arroz enfrenta o seu pior inimigo

Lavouras amanheceram parcialmente 'acamadas' devido ao forte vento e frustraram a expectativa da maior safra de SC

CRISTIANO RIGO DALCIN

▼ FORQUILHINHA

O temor dos rizicultores do Sul do Estado em relação a prejuízos no final do ciclo se confirmou na madrugada de domingo com os fortes ventos provocados pelo ciclone. As lavouras amanheceram parcialmente "acamadas" e frustraram a expectativa da maior safra catarinense de arroz irrigado da história.

As estimativas iniciais da Epagri e das cooperativas de beneficiamento do cereal apontam para perdas de 20% a 30% na produção. Em Araranguá, apenas 15%

dos 4,5 mil hectares haviam sido colhidos. "Calculamos prejuízo de 25% a 30% nos 3,9 mil hectares restantes.

A média de produtividade será de 100 sacas por hectare, ao invés de 135 sacas por hectare", afirma o engenheiro agrônomo do Centro de Treinamento da Epagri, em Araranguá, Renê Klevston. O prejuízo de 140 mil sacas de arroz é orçado em R\$ 4 milhões.

Os levantamentos iniciais se mostraram surpreendentes em relação aos efeitos do ciclone. "O arroz não deitou como em outras oportunidades", conta Klevston, ao lembrar a ocorrência de graniço no dia 31 de março de 2001,

que arrasou com lavouras de Forquilha e Maracajá, e de um vendaval no interior de Forquilha, registrado em 2000.

O agricultor Lenoir Esteves, 29, calcula ter sofrido perdas em 26 hectares que estavam prontos para colheita, na localidade de Santa Teresinha, em Forquilha. "O cacho ficou ralinho. Vai dar 80 sacas por hectare. O grão bom caiu e ficou aquele falhado."

A chuva e o vento forte fizeram Esteves pensar que enfrentaria problemas semelhantes aos ocorridos em 2001 após o graniço. "Nunca tinha visto esse tipo de vento. Ele agüentou muito. Tomara que nunca mais aconteça."

ULISSES JOB/DC/FORQUILHINHA



PREJUÍZO: O agricultor Lenoir Esteves calcula perdas em 26 hectares que estavam prontos para colheita



ULISSES JOB/DC/ARROIO DO SILVA

DESTRUIÇÃO: Laureci foi buscar os móveis de sua casa de veraneio

Dia de reconstrução em Arroio do Silva

▼ ARROIO DO SILVA

O tempo colaborou e os moradores de Arroio do Silva iniciaram a segunda-feira dispostos a reparar os danos provocados pelo ciclone.

Os colchões estavam expostos ao sol, as roupas penduradas no varal e os moradores em cima dos telhados.

Os danos causados na área central, que concentra a maioria das casas de veranistas, não indicam que um ciclone passou pelo município.

Porém, as localidades em direção ao Norte (Areias Brancas e Praia da Meta) e ao Sul (Mariscão e Praia da Caçamba) revelam efeitos devastadores. Algumas casas de madeira foram arrancadas do chão e viradas.

A força do vento não poupou os postes de iluminação e a localidade ainda estava sem energia elétrica ontem de manhã.

O industriário aposentado Elio Lemos, 57 anos, veio de Sapucaia do Sul (RS) para consertar os estragos na casa de veraneio em Areias Brancas. "Pelo

que soubemos foi uma noite de terror", afirma Elio, que calculou prejuízo de R\$ 2 mil para reparar parte do forro e o telhado.

Aposentado e mulher se refugiam na cozinha

Morador da Praia da Meta há quatro anos, o aposentado Miguel Perdon, 75 anos, convocou um sobrinho de Criciúma para consertar o telhado. "Gastei R\$ 600 apenas hoje, mas o estrago deverá custar uns R\$ 1,5 mil", estima.

Perdon não dormiu na madrugada de domingo e se abrigou na cozinha, com a esposa e do enteado. "Nossa sorte é que o vento veio por terra, porque se vem do mar leva tudo."

O aposentado Laureci Alfredo Lima, 50 anos, foi buscar ontem os móveis e utensílios da casa localizada à beira-mar. O vento arrancou o telhado, as tesouras de sustentação e as instalações elétricas e hidráulicas.

"Minha mulher viu a casa destruída pela televisão e entrou em desespero", conta Laureci. "Ainda estou pagando o material de construção." (CRD)

"O que importa é que estamos vivos"

"Começou a ventar às 22h, e foi aumentando. O pico foi às 2h. Eu disse para a Magda: 'Esta noite, a gente não vai dormir'.

O vento arrancou primeiro a ponta do telhado, depois foi a área na parte da frente. Tentei segurar uma das escoras do telhado, mas ficou solta e aí eu vi que não adiantava mais e larguei tudo.

Fui para o banheiro com a Magda e ficamos esperando. Quando o forro foi levantado, saímos correndo. Na casa



CLAUDIO SILVA/DC/PASSO DE TORRES

não dava mais.

O carro só não voou porque uma parede da casa tinha caído em cima dele. A parte de trás da Belina, que é mais leve, estava sendo sacudida pelo vento.

Ficamos no carro até amanhecer. Tentei brincar, porque sabia que a Magda estava nervosa e seria melhor tentar fazer ela rir um pouco. O que importa é que nós dois estamos vivos."

Nei Klüsener Garcia, 43 anos

Fim do sonho

Sem a casa de Passo de Torres, Magda e Nei (à direita) mudaram-se para a casa de uma irmã de Nei, em Porto Alegre. Os dois pretendem recuperar o que for possível da residência destruída pelo ciclone, conforme mostrou a capa do DC (à esquerda) e de Zero Hora na edição de ontem.

"Rezava para Deus deixar a gente viver"

"No início, ficamos na frente da porta, com pano e baldinho, para secar a água da chuva que entrava por baixo. Mas aí o vento ficou mais forte, e fui para o banheiro. Era a única peça da casa que não era de madeira, e parecia ser o lugar mais seguro.

Eu só rezava, pedindo para que Deus deixasse a gente viver. Depois a gente dava um jeito de reconstruir tudo.

Quando o telhado se foi, o Nei disse para a gente ir para o carro. Eu só lem-



ADRIANA FRANCIOSI/AGÊNCIA RBS/DC

brei: 'Mas e a chave, cadê?' A sorte é que a gente sempre deixa ela pendurada na parede. Quando fui procurar a chave, ela não estava lá, tinha caído, mas consegui pegar e a gente foi para a Belina.

Sempre me achei meio chorona. Desta vez, não sei como, não chorei. No carro, a gente até deu risada, fez piada. Não vendo mais essa Belina, ela salvou nossas vidas."

Magda Apratto Garcia, 40 anos

Governo libera dinheiro

Luiz Henrique da Silveira lançou a campanha SOS Ciclone e anunciou que o Estado dará suporte de R\$ 1,3 milhão para a recuperação dos telhados destruídos

KARLA SANTOS

O governador Luiz Henrique da Silveira anunciou ontem que vai liberar R\$ 1,3 milhão para a recuperação dos telhados destruídos.

Ele lançou uma campanha para arrecadar donativos para as cidades atingidas pelo ciclone na madrugada de domingo, chamada SOS Ciclone.

A ajuda financeira do governo será repassada da Secretaria de Estado da Fazenda para o Fundo Estadual de Defesa Civil. Segundo o major José Mauro da Costa, diretor estadual da Defesa Civil, um levantamento atualizado ontem reduziu de 24 para 19 o número de municípios que sofreram prejuízos com o ciclone. A primeira-dama, Ivete Appel da Silveira, conseguiu com a Receita Federal a liberação de um caminhão de roupas para os desabrigados.

A Defesa Civil ainda não conseguiu calcular os prejuízos. Duas equipes estão trabalhando ao lado das comissões municipais para agilizar o levantamento do estrago. Pouco mais de 31 mil residências foram danificadas e 280, to-



CLAUDIO SILVA/DC/SÃO JOÃO DO SUL

ROTA: São João do Sul, que não fica na beira do mar, teve prejuízos

talmente destruídas. Entre as casas comerciais, 865 sofreram danos e 45 ficaram destruídas. Dos prédios públicos, cinco foram destruídas e 107 ficaram danificadas. "Os prefeitos devem tomar as medidas legais para que possamos enviar a ajuda", disse o major.

A verba liberada pelo governo estadual não será suficiente para recuperar as 32.305 casas atingi-

das (daria pouco mais R\$ 40 para cada), mas a Defesa Civil vai comprar madeira, telhas e pregos para reconstruir os lares mais pobres. "Balneário Gaivota, por exemplo, foi um dos municípios mais atingidos, mas lá cerca de 50% a 60% das casas são de veraneio", explicou o major Mauro. Dos 4.425 domicílios de Balneário Gaivota, 3.090 foram danificados.

Ajuda financeira

Quem quiser contribuir com dinheiro, pode fazer depósito na agência 068-0 do Besc, na conta

802500-5

"Uma das referências para a distribuição da verba será avaliar a necessidade segundo o IDH."

Campanha da Assembléia arrecada duas toneladas

A Defesa Civil e a Fundação Nova Vida estão pedindo doações. Nos próximos dias, deve ser divulgada uma lista com o que pode ser doado. Os itens mais necessários são calçados, roupas, colchões, cobertores e material de construção, que podem ser levados para as sedes das secretarias regionais. Quem quiser doar dinheiro pode fazer um depósito na agência 068-0 do Besc, conta 802500-5. Ontem, no primeiro dia da campanha promovida pela Assembléia Legislativa, foram arrecadadas duas toneladas de alimentos não-perecíveis.

FGTS poderá ser usado na reconstrução

▼ BRASÍLIA

O governo estuda a possibilidade de liberar o FGTS das pessoas que tiveram prejuízos com o ciclone, assim como já acontece com as pessoas desabrigadas pelas chuvas.

Desde fevereiro, está em vigor a Medida Provisória que autoriza o saque do FGTS pelos trabalhadores que residem em áreas em estado de emergência ou calamidade pública.

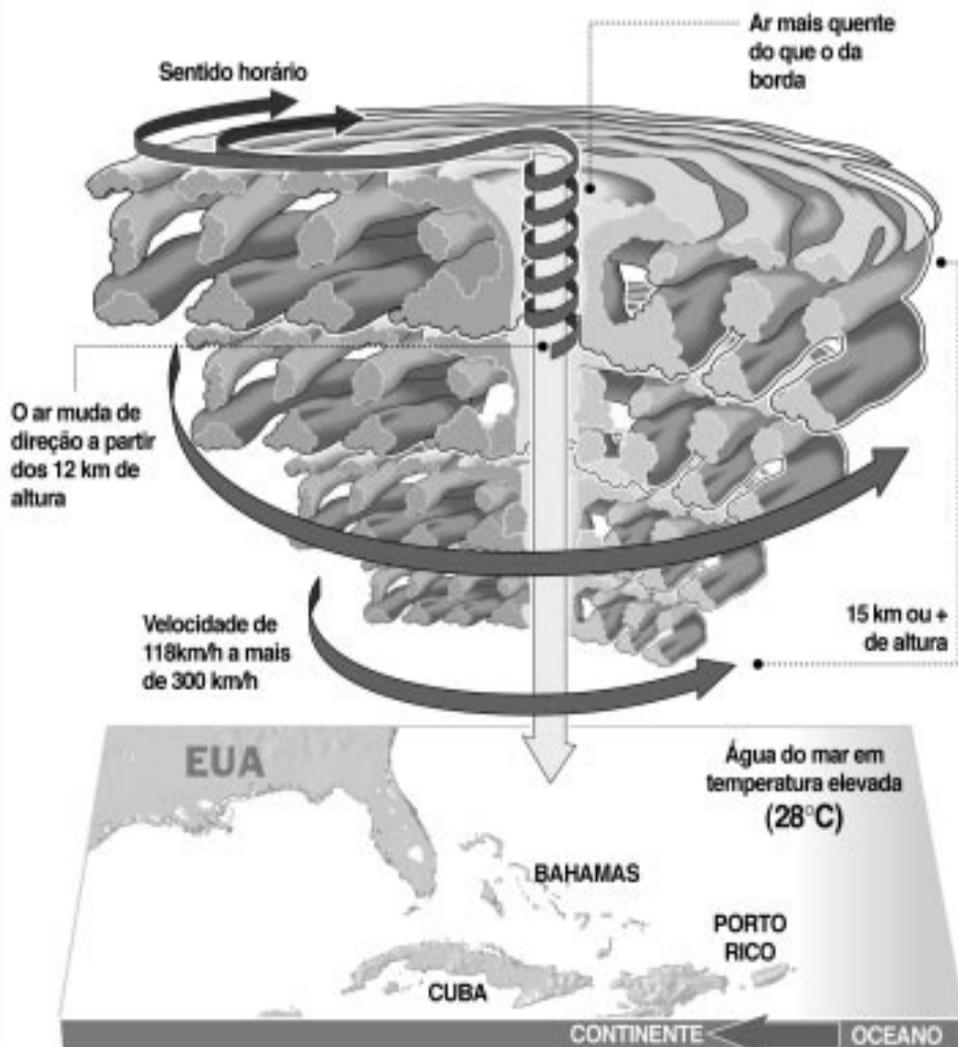
Segundo o Secretário Nacional da Defesa Civil, Jorge do Carmo Pimentel, a MP deverá ser modificada para estender o benefício às vítimas do ciclone. O secretário Nacional da Defesa Civil, Jorge Pimentel, informou da possibilidade do ministro da Integração Nacional, Ciro Gomes, visitar a região atingida pelo ciclone.

"A primeira coisa que ocorre depois do desastre é dar socorro à população. Após isso, os municípios começam a realizar suas avaliações de danos, que são remetidas ao governo federal, para nós avaliarmos, e de forma supletiva nós vamos atender a demanda ou não". ■

As diferenças entre os fenômenos

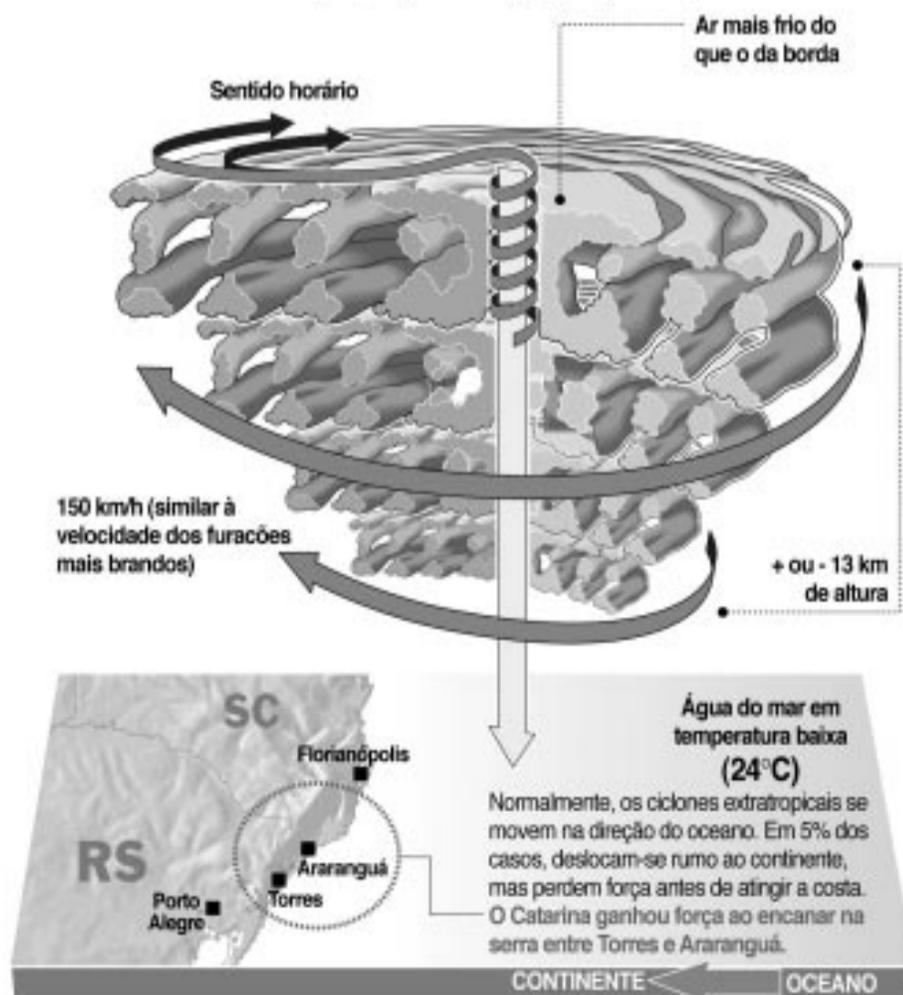
Um furacão

Fenômeno do Caribe e de parte dos Estados Unidos, tem um eixo vazio bem definido:



O Catarina

Ciclone extratropical, chamou a atenção dos meteorologistas por apresentar um olho bem definido como o do furacão (normalmente, nesse tipo de fenômeno a nebulosidade, mesmo se movendo em espiral, ocupa todo o espaço) e por alcançar o continente:



Normalmente, os ciclones extratropicais se movem na direção do oceano. Em 5% dos casos, deslocam-se rumo ao continente, mas perdem força antes de atingir a costa. O Catarina ganhou força ao encanar na serra entre Torres e Araranguá.